

Miguel Ângelo Rocha
Pólos/Poles
3 de Maio a 14 de Junho

O projecto artístico é um só.

A presente materialização, intitulada *Pólos/Poles*, 2014, representa esculturas, desenhos, pinturas e objectos de momentos anteriores bem como outros, mais recentes, projectando-se e constituindo-se como devir. Trata-se, sobretudo, de entender o projecto artístico como um *continuum*, uma necessidade de estabelecer o 'movimento' como desígnio operativo da actividade artística.

A escultura *Pólos/Poles* parte do desejo de colocar o observador dentro de um fluxo, o desejo de que a materialidade da obra proporcione a sua própria desmaterialização. Refere-se às energias em potência, às energias entre os corpos e as coisas.

A noção do tempo enquanto corrente incessante originou, em 2004, o conjunto de desenhos intitulados *Mound Drawings*. Estes são fruto de acções continuadas e cuja componente performativa se sobrepõe ao desenho em si. Isto é: a dimensão temporal estrutura o desenho enquanto arena performativa. O gesto e a marca ou inscrição correspondente infere-se a partir de um tempo de improviso. É a partir desta experiência que surgem as primeiras materializações no espaço concreto e sob a forma escultórica (como no caso de *Pólos/Poles*): 'linhas no espaço' criam volume ao mesmo tempo que contrariam alguns dos conceitos fundadores da escultura, ou seja, os conceitos de massa e de peso. Dir-se-ia que, neste caso, estamos perante esculturas de uma forma inversa: geram volume 'vazando' o espaço e acentuando a 'leveza'.

Pólos/Poles evidencia o movimento.

'To be moved'. Esta expressão da língua inglesa pode significar algo que nos 'toca' no íntimo mas também implica movimento. O movimento implícito naquilo que nos toca (ou move) traz consigo o tempo da duração. Cada um dos três elementos (ou movimentos, como o título propõe) da escultura *Pólos/Poles* assinala uma possibilidade de movimento real e virtual. Poder-se-á dizer que a presença física de cada elemento tem consequências ao nível daquilo que não se vê. Opera no tempo subjectivo que é a duração ou o gerúndio. Por outras palavras, a presença física da escultura, na sua materialidade e forma induz a que circulemos no espaço de uma determinada maneira. Podemos imaginar que a nossa deslocação é verificada pela sucessão de imagens que se justapõem no espaço e no tempo. Podemos imaginar ainda que esses intervalos no espaço e no tempo se podem dividir e subdividir até ao ponto em que são coincidentes. Aí não se trata mais de uma justaposição no espaço, mas, antes, de um movimento contínuo e ininterrupto.